



**FACULDADE TRÊS MARIA CURSO LATO SENSU EM DOCÊNCIA DO ENSINO
SUPERIOR**

ROBERTO LIMA DA PENHA

DOCÊNCIA: A PALAVRA DE DEUS NA CELEBRAÇÃO DA MISSA

**JOÃO PESSOA – PB
2018**



**FACULDADE TRÊS MARIA CURSO LATO SENSU EM DOCÊNCIA DO ENSINO
SUPERIOR**

ROBERTO LIMA DA PENHA

DOCÊNCIA: A PALAVRA DE DEUS NA CELEBRAÇÃO DA MISSA

Artigo científico apresentado como trabalho
de Conclusão do curso de Pós-graduação
Latu Ssensu em **Docência do Ensino
Superior**, da FACULDADE TRÊS
MARIAS.

**JOÃO PESSOA – PB
2018**



FACULDADE TRÊS MARIAS COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos _____ dias do mês de _____ de _____,
às _____ horas, na sala número _____ da FACULDADE TRÊS
MARIAS, na presença da banca examinadora, presidida pelo(a) professor(a)
_____ e composta pelos
seguintes membros:

1) _____ e
2) _____,
o(a) aluno(a) _____

apresentou o Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-graduação lato sensu
em _____ como
elemento curricular indispensável para conclusão do curso. Após a apresentação do trabalho e
as considerações da Banca Examinadora, os membros se reuniram em sessão reservada e
decidiram pelo resultado _____
mediante obtenção de nota _____ (_____), ora
formalmente divulgado ao(à) aluno(a) e aos demais participantes, e eu professor(a)

_____ na qualidade de presidente da
Banca lavrei presente ata que será assinada por mim, pelos demais membros e pelo(a)
aluno(a)apresentador(a) do trabalho.

Assinaturas:

Presidente da Banca Examinadora

Membro da Banca

Membro da Banca

Aluno(a)



FACULDADE TRÊS MARIAS COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

FICHA DE AVALIAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ALUNO(A): _____

TÍTULO: _____

PROF(A), ORIENTADOR: _____

DATA: ____ / ____ / ____.

ASPECTOS FORMAIS DO TEXTO ESCRITO					
CRITÉRIOS	Relevância do tema (1,0)	Uso do referencial teórico (1,0)	Capacidade de análise e síntese (1,0)	Coerência e coesão textual (1,0)	Apresentação gráfica (1,0)
PONTUAÇÃO					

APRESENTAÇÃO ORAL			
CRITÉRIOS	Clareza nas expressões, postura e segurança (2,0)	Articulação com o trabalho escrito (2,0)	Uso do recurso didático de apresentação (1,0)
PONTUAÇÃO			

RESULTADO			
CRITÉRIOS	Aspectos formais do texto escrito	Apresentação Oral	TOTAL
PONTUAÇÃO			

BANCA EXAMINADORA

Presidente da Banca Examinadora

Membro da Banca

Membro da Banca

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
2 DOCÊNCIA: A PALAVRA DE DEUS NA CELEBRAÇÃO DA MISSA.....	10
2.1 A PALAVRA DE DEUS NA VIDA DO POVO DA ALIANÇA.....	12
2.1.1 Importância da Palavra de Deus na Celebração Litúrgica.....	14
2.1.2 A Palavra de Deus na vida da Igreja.....	16
3 A LITURGIA DA PALAVRA NA CELEBRAÇÃO DA MISSA.....	19
3.1 ELEMENTOS E RITOS DA LITURGIA DA PALAVRA.....	19
3.1.1 As Leituras Bíblicas.....	22
3.1.2 O Salmo Responsorial.....	23
3.1.3 A Homilia (As Práticas, uma Visão Educacional).....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	31

DOCÊNCIA: A PALAVRA DE DEUS NA CELEBRAÇÃO DA MISSA

RESUMO

Roberto Lima da Penha¹

O tema que norteia este trabalho de conclusão de curso é DOCÊNCIA: A PALAVRA DE DEUS NA CELEBRAÇÃO DA MISSA. A pesquisa consiste num levantamento bibliográfico no qual as principais obras tomadas como instrumentos de pesquisa foram a *Introdução ao Missal Romano* (1996), o *Lecionário Santoral* (2007) e o *Sacrosanctum Concilium*: a constituição conciliar sobre a Sagrada Liturgia (Concílio Vaticano II, 1964). Foram realizadas pesquisas em livros, revistas, trabalhos publicados na internet e foram consideradas as diversas visões na análise e também os enfoques direcionados e respaldados pela Bíblia Sagrada, entre outras dissertações e artigos pertinentes ao tema. O tema em debate é tão antigo, mas sempre novo, e busca oferecer aos cristãos uma experiência com Deus, que, na história, fez-se história, assumindo a nossa criaturalidade, exceto o pecado. A experiência com o Ressuscitado é pessoal e comunitária; pessoal por sermos chamados pelo nome a ser protagonista de um Reino de justiça e paz, anunciando o Evangelho; e comunitária porque o prêmio de salvação passa pelo próximo. Para viver essa experiência íntima com Deus, a Igreja é o local propício para o encontro do divino com o humano, a partir da liturgia da Palavra e da liturgia Eucarística, fazendo memória da morte, paixão e ressurreição de Jesus Cristo. Desse modo, é possível nutrir, na prática cotidiana, uma vida de testemunho que, constantemente, busque seguir os ensinamentos de Deus, deixando-se transformar por eles.

Palavras-chave: Experiência. Palavra de Deus. Liturgia. Criatura.

¹ Formado em Teologia, Especialista em Liturgia, e Pós-graduado em Gestão, Supervisão e Coordenação Escolar.

ABSTRACT

The theme that guides this course is TEACHING: THE WORD OF GOD IN THE CELEBRATION OF THE MISSION. The research consists of a bibliographical survey in which the main works taken as research instruments were the Introduction to the Roman Missal (1996), the Lectionary Santoral (2007) and the Sacrosanctum Concilium: the conciliar constitution on the Sacred Liturgy (Vatican Council II, 1964). Researches were carried out on books, magazines, works published on the internet and the different views in the analysis were considered, as well as the approaches directed and supported by the Holy Bible, among other dissertations and articles pertinent to the theme. The subject under debate is so old but always new, and seeks to offer Christians an experience with God, who in history has made history, assuming our creaturely nature, except sin. The experience with the Risen One is personal and communal; personal by being called by name to be protagonist of a Kingdom of justice and peace, proclaiming the Gospel; and communal because the salvation prize passes through the next. In order to live this intimate experience with God, the Church is the right place for the encounter of the divine with the human, starting from the liturgy of the Word and the Eucharistic liturgy, remembering the death, passion and resurrection of Jesus Christ. In this way, it is possible to nourish, in daily practice, a life of witness that constantly seeks to follow the teachings of God, allowing himself to be transformed by them.

Keywords: Experience. God's word. Liturgy. Creature.

INTRODUÇÃO

A liturgia, palavra grega que significa: Ação do povo em prol dele mesmo, que se reúne na fé para, juntos, celebrar o Mistério Pascal – Jesus Cristo que morre e ressuscita – Ele que se faz presente e se oferece como culto perfeito ao Pai. Essa liturgia, segundo o Concílio Vaticano II, conduz o homem a santificasse e glorificar a Deus. Desde os primórdios da experiência cristã, Liturgia e Escritura estão intimamente interligadas, pois foi a partir do culto comunitário que o Novo Testamento surgiu.

O concílio Vaticano II, reconheceu oficialmente o estudo histórico da liturgia integrado na formação à vida religiosa e aos ministérios pastorais. Servindo como guia para todas as reformas litúrgicas. De forma viva a litúrgica está no coração da tradição da Igreja, pois ele é uma herança católica transmitida em geração em geração. O lugar onde se manifesta a vontade fundadora de Cristo é a história da tradição.

Para entender as estruturas celebrativas da liturgia atual, é essencial conhecer as grandes linhas da história. Para nos ajudar a compreender a evolução da liturgia no tempo, podemos recorrer a uma vasta riqueza de fontes históricas relacionadas à liturgia. Nas Igrejas locais do primeiro Milênio a liturgia era um regime da tradição oral e de autonomia institucional, diferentes da que temos hoje.

O que caracterizava as primeiras comunidades eram as diferentes sensibilidades e pluralidade das expressões litúrgicas das mesmas.

A lei da oração, norma de ação de graças e regras de fé é a liturgia da Igreja Católica. Por isso o seu sentido deve ser interpretado integralmente. Nosso Senhor Jesus Cristo é apontado pela Igreja por meio da liturgia que nos leva a experimentá-lo, pois Ele próprio assim se revelou. Por tanto a liturgia leva o homem de forma integral: sua inteligência, sua vontade e seu coração. Tudo isso acontece dentro do mistério celebrado da Santa Missa, a qual tem um valor infalível e infinito, pois se trata do sacrifício e da oração do próprio Deus que se fez Homem.

No Missal Romano está contido de forma minuciosamente tudo sobre a Santa Missa. O católico despões da mais completa e mais poderosa oração: a missa. Porém muitos fiéis ainda não descobriram o seu verdadeiro significado que ela representa, por isso não lhe dão o devido valor. Devemos nos entregar totalmente nas Mãos de Deus presente na missa. Ele fala diretamente com cada um de nós, desta forma por tanto os problemas e preocupações devem ser deixado de lado quando entramos na igreja.

A missa é celebrada de acordo com o ano litúrgico. O qual se organiza em ciclos festivos, onde se celebra, principalmente o mistério da vida, morte e ressurreição de Jesus. Os ciclos celebrados são: Ciclo da Páscoa, o Ciclo do Natal e Tempo Comum.

Apesar desta organização litúrgica, a Igreja precisou de uma renovação, inclusive na liturgia, pois tínhamos como herança do Concílio de Trento, onde os fiéis não tinham uma grande participação nos atos celebrativos. Pois, para os reformadores, havia uma falta de espírito evangélico. Os mesmos exigiam que fossem feito o uso da língua de cada nacionalidade, e que todos tivessem uma participação ativa no que diz respeito a recitação das orações em voz alta e a participação na comunhão sob duas espécies. Bem como a abolição do uso exclusivo de celebrações privadas. Tais práticas só foram aderidas pela Igreja no Concílio Vaticano II que durou de 1962 a 1965.

2 DOCÊNCIA: A PALAVRA DE DEUS NA CELEBRAÇÃO DA MISSA

A Missa é o encontro do povo de Deus que faz memória, tornando presente a Salvação de Jesus Cristo. Jesus a instituiu para que seus discípulos dessem continuidade, celebrando em assembleia, a expressão de sua vitória sobre a morte, porque a vida triunfou. Cristo está presente no sacrifício celebrado, pois Ele é Eucaristia, e, por meio dela, sela um pacto de fidelidade com a humanidade, manifestando sua real presença no coração humano: “O véu do templo se rasgou, já não há mais separação entre Deus e o homem, ou seja, Deus está aqui, veio nos visitar, é Palavra que transforma e dá vida ao mundo.” (Mt 27, 50-51).

Na Celebração da Missa, os fiéis encontram sólidos alimentos para nutrir sua caminhada cristã, como filhos(as) de Deus. Nela, a palavra Dele merece um destaque todo especial, pois se torna elemento principal dela, por ser o próprio Cristo que se comunica com a humanidade. A missa é composta por duas partes essenciais, e ambas não podem faltar, a saber: a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística.

A Liturgia da Palavra tem início com as leituras e cânticos intercalados entre ambas, os quais são retirados dos textos sagrados. As demais partes tomam direcionamento a partir dessa Palavra, que é refletida através da homilia, seguida da profissão de fé, preces, oração eucarística e conclusão. Através das leituras bíblicas, Deus fala a seu povo, fazendo brotar, em seus corações, o testemunho da fé e do seguimento a Jesus Cristo, razão de nosso existir, homem como nós, que deu ao mundo a maior prova de amor, doando-se inteiramente, sem medir esforços para fazer acontecer, unicamente, a vontade do Pai.

As leituras são momentos de lembrar a história dos povos que caminharam com Deus, na esperança da libertação, mesmo que enfrentando perigos, correndo risco de vida, batalhando pelo alimento necessário; souberam clamar pela misericórdia do Senhor, e Ele ouviu seus clamores – o que pode ser exemplificado com a libertação do povo hebreu da escravidão no Egito. Deus, que agiu através de Moisés, restaurou e deu vida nova a todos os que eram perseguidos: “Eu envio você ao Faraó, para tirar do Egito o meu povo, os filhos de Israel” (Ex 3,10).

Encontra-se, na Palavra de Deus proclamada, exemplo de homens e mulheres que souberam ser fiéis ao projeto de Deus e acolher a Jesus, que o seguiram e, muitos deles, foram capazes de doar a vida pela justificação de sua fé. Dentro da Celebração Eucarística, algumas atitudes devem ser tomadas, para melhor intimidade do homem para com Deus. A postura, o silêncio, o canto, o louvor, a adoração, e etc., são elementos que ajudam no melhor encontro com o transcendente, não podendo ser deixado de lado nenhum desses elementos,

colaboradores do entendimento e compreensão da mensagem evangélica, daquilo que o Senhor quer comunicar aos que O escutam.

Após a leitura, segue-se o canto do Salmo Responsorial, resposta ao primeiro ensinamento de Deus, e que, por sua vez, tem grande importância litúrgica e pastoral, podendo ser cantado com participação dos fiéis ou não, contanto que colabore para a oração dos fiéis que celebram a ação de graças. Em seguida, entoa-se o canto de Aleluia, para aclamação à Palavra de Deus ao Evangelho, e a Jesus que fala. Nesse momento, a assembleia se põe de pé, postura de quem quer, deseja caminhar com Jesus. Após a proclamação do Evangelho, o presidente realiza a homilia (que não deve ser catequese) com o povo, colaborando para que todos aprofundem melhor seu conhecimento da Palavra de Deus anunciada, isto é, “[...] uma proclamação das maravilhas realizadas por Deus na História da Salvação ou Mistério de Cristo”².

Essa reflexão do Evangelho deve levar os fiéis a uma melhor participação no banquete Eucarístico, segundo momento da Celebração, confirmado com a ação de ir ao encontro do pão vivo descido do céu, o que se escuta através do ministro ordenado, como sendo Palavra de Deus. A homilia é, pois, de grande relevância, e faz os fiéis saberem o que se celebra.

O silêncio deve ser guardado como momento profundo de recolhimento e comunhão por parte de quem celebra. Assim sendo, dar-se-á continuidade com a profissão de fé, expressão de sentimento convicto de quem acredita e confirma os mistérios que se celebram: “Seguindo o rito, alguns fiéis podem, se achar conveniente, realizar algumas petições, preces elevadas a Deus em favor dos homens.”³ A partir disso, inicia-se o momento do sacrifício, a preparação do banquete Eucarístico, memorial da paixão, morte e ressurreição de Jesus, que se dá como verdadeiro alimento, mesa preparada para todos.

Além disso, é importante ressaltar o cuidado para com o ambiente no qual se proclamará a Palavra de Deus e onde se vai consagrar o pão e o vinho. O ambão e o altar devem proporcionar aos fiéis uma íntima comunhão com Deus; devem estar visíveis, e as pessoas, que neles farão soar a voz de Deus, precisam ser claras e ter boa entonação.

² Introdução ao Lecionário, n. 24.

³ Lecionário Santoral, n. 30

2.1 A PALAVRA DE DEUS NA VIDA DO POVO DA ALIANÇA

Deus faz uma aliança com seu povo, pois, amando-os até o fim, não os deixa órfãos, prometendo-lhe a força e sabedoria de seu Santo Espírito. A Palavra de Deus proclamada na liturgia da santa Missa é um momento propício, no qual o povo entra em comunhão com Deus, que deseja, constantemente, renovar sua aliança dentro dos novos tempos e com a nova realidade. Assumir o caráter de povo da aliança é deixar Deus ser o verdadeiro Deus e, com isso, nutrir-se desse Deus repleto de bondade, misericórdia e perdão. O que faz um indivíduo assumir sua condição de povo da aliança é a fé confessada (professada), levando-se em consideração a autenticidade do zelo e o respeito pelas coisas sagradas. Aqui, especificamos a Palavra de Deus, luz para os nossos passos. A Palavra, quando acolhida, principalmente na celebração litúrgica, é sinal de vigor e renovação do povo de Deus.

A aliança é, pois, um pacto de amor irrevogável que Deus faz para com Israel, pacto este, composto por elementos fundamentais, exprimindo-se o compromisso entre as duas partes. Deus e o povo e vice-versa. O povo de Israel promete ser fiel a esse pacto com Deus, realizando com convicção sua vontade, servindo-lhe com dedicação. Esse compromisso se expressa nas seguintes palavras: “Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo.” (Jr 7,23a). Desde o Antigo Testamento, Deus estabelece com seu povo uma relação de compromisso, esperando reciprocidade: “Como o jovem se casa com uma jovem, o seu criador casará com você; como o esposo que se alegra com a esposa, seu Deus se alegrará com você.” (Is 62,5).

A fidelidade para com a aliança selada é assumir a vida em Deus, assemelhando-se a Ele, buscando a santidade, tornando-se uma nação santa. Com isso, o testemunho deverá expandir-se, tornando Deus conhecido entre todos os povos e nações. Fazer a escolha por Deus é optar pelo êxodo, mudar de vida, rasgar as vestes antigas e se revestir das vestes limpas, puras, novas; é libertar-se do fardo da escravidão e tomar para si o fardo leve de Deus e seu jugo suave, sem opressão, exclusão ou qualquer tipo de escravidão. Optar entre a escravatura ou o serviço de Deus é liberdade que Ele mesmo dá ao homem.

Outro aspecto importante do pacto de Deus com seu povo (Israel) são as dez palavras, ou seja, o Decálogo entregue por Deus o qual serve para que o homem saiba até onde vai seu limite, sem ultrapassá-lo, para seu bem e edificação pessoal e para o bem comunitário. Logo, essa atitude torná-lo-á mais santo diante da vivência fraterna, logo, mais íntimo de Deus (Adonai), a tal ponto de se cantar com o salmista: “Alegro-me mais em seguir as tuas ordens, do que em possuir qualquer riqueza [...]. Abre os meus olhos, para que eu veja as maravilhas da tua lei.” (Sl 119, 14).

A autenticidade da aliança depende da vivência do mandamento do amor: amar a Deus sobre todas as coisas. Para tal, “[...] ame a Javé seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma e com toda a sua força.” (Dt 6, 4-5); isso implica ser capaz de se deixar provar a fé, através de experiências, muitas vezes, radicais, como fizeram os israelitas que, levados ao deserto, foram chamados a uma conversão sincera, ou seja, a uma mudança de vida.

Esse chamado à conversão é, para toda a humanidade, agora redimida por Cristo Jesus – o Senhor, vítima pelos nossos pecados, aquele que, no dia de nosso batismo, fez aliança conosco –, um chamado a viver segundo o Espírito Santo. A adesão de Jesus à vontade do Pai, sendo obediente até a morte (morte de cruz) renova a mesma e única aliança com o Senhor Deus.

Jesus Cristo, o Messias, é a novidade da aliança de Deus com os homens. Isso é perceptível na perícopa do Evangelho de São Mateus: “Isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados.” (Mt 26,28). Essa nova aliança se concretiza com a crucificação e morte de Jesus, dando-se pleno sentido à aliança. O sacrifício de animais, realizado anteriormente pelos sacerdotes, dá lugar ao sacrifício de Cristo, que se entrega de uma vez por todas pela remissão dos pecados da humanidade, cumprindo a vontade do Pai.

A nova aliança proporciona a mudança de pensamento daqueles que dela fazem parte, pois Deus inscreve no coração dos homens suas leis, não mais em tábuas de pedras, mas nos corações humanos, como também promete Seu santo Espírito – como sendo ânimo (força) na caminhada da Igreja militante. Diz o Senhor: “Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos. Então eu pedirei ao Pai, e ele dará a vocês outro Advogado, para que permaneça com vocês para sempre. Ele é o Espírito da verdade [...]” (Jo 14, 15-17a).

Jesus tomou sobre si nossa culpa, deu-se como sacrifício; Ele é, pois, o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, o mediador da aliança, do pacto de amor existente entre duas partes, a saber: a criatura e o criador. Colocando de lado seus próprios interesses, Jesus, com sua morte, tornou-se mediador da Nova Aliança, reconciliando-nos: “Pois, há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: Jesus Cristo, homem que se entregou para resgatar a todos [...]” (1 Tm 2,5). Essa Nova Aliança em Cristo é eterna e, os que o seguem, dela fazem parte e são chamados a serem ministros, colaboradores dela, anunciando a Boa Nova.

2.1.1 Importância da Palavra de Deus na Celebração Litúrgica

Redescobrir a alegria do encontro pessoal com o Senhor, que se dá no banquete da Palavra, é fazer renovação de Sua união com a humanidade. O povo que se reúne em uma só assembleia como irmãos para escutar Seus ensinamentos, alegra-se. Essa alegria de ser comunidade, desde a Igreja nascente, deve se expandir a cada dia, pois Jesus é a Palavra eterna do Pai, que oferece ao homem a oportunidade de permanecer em seu amor: “Se vocês ficam unidos a mim e minhas palavras permanecem em vocês, peçam o que quiserem e será concedido a vocês” (Jo 15,7).

A celebração litúrgica deve ser uma preocupação da Igreja peregrina, pois a ação desempenhada pelos servidores do Senhor na comunidade eclesial precisa ser direcionada para a escuta da Palavra de Deus, dentro do rito, dependendo de cada situação. A vivência cotidiana, os momentos familiares, as celebrações Eucarísticas, os sacramentos e sacramentais são ações litúrgicas, cada uma com ritos específicos, centrados em objetivos ou metas a serem alcançadas. O dizer e o fazer são dois elementos que se completam, o que se percebe na celebração litúrgica, na qual a Palavra de Deus, professada e anunciada, gera, no coração humano, inquietações para a ação no meio onde se encontra inserido. Que a boca fale daquilo que o coração encontra-se pleno. Cada ato litúrgico celebrado é chance de recomeçar e renovar a devoção às Sagradas Escrituras, ou seja:

A Igreja venerou sempre as divinas Escrituras como venera o próprio Corpo do Senhor, não deixando jamais, sobretudo na sagrada Liturgia, de se alimentar com o pão da vida, tanto da mesa da Palavra de Deus como do Corpo de Cristo, e de o distribuir aos fiéis (Const. dogm. Dei Verbum, n. 21). O incremento da vida litúrgica e, por consequência, o desenvolvimento da vida cristã não poderão tornar-se realidade, se não se promover continuamente nos fiéis e, em primeiro lugar, nos Sacerdotes, um "suave e vivo amor da Sagrada Escritura."⁴

Deus sempre tem algo novo para falar ao homem. Não são meras palavras que se repetem, mas, a cada encontro litúrgico, faz com que o homem velho encontre motivos para viver a vida segundo Seus ensinamentos. Dessa maneira, manifesta-se o amor eficaz do Pai, que nunca deixa de insistir na conversão do homem, como sendo um ser criado para amar. Cristo, através de Sua vida, testemunhada no dia-a-dia, como Palavra eterna do Pai, chamamos à perfeição de Deus, ou seja, a sermos, em essência, aquilo pelo qual fomos criados:

⁴ SC, n. 24

imagem e semelhança de Deus, que é santo, justo, bom, perfeito, misericordioso e compassivo.

Todos aqueles que buscam a salvação encontram, em Cristo, a fonte, donde tiram a água viva para viver a plenitude dos mistérios celebrados, ações litúrgicas que direcionam o coração humano ao coração divino (Deus). As celebrações litúrgicas ajudam-nos a fazer comunhão, pois os encontros litúrgicos, para rendermos graças ao Senhor, são vividos comunitariamente, fazendo ecoar uma só voz, o mesmo louvor, e proclamando Deus como criador, Jesus como Salvador e o Espírito Santo como força e consolação.

Como já foi dito anteriormente, vivemos constantemente o dizer e o fazer. Quando abrimos nossos ouvidos para escutar a Palavra de Deus e deixamo-La agir em nós, conseqüentemente, alguma reação fluirá, pois a Palavra de Deus não passa sem deixar sinal, ou seja:

Da mesma forma como a chuva e a neve, que caem do céu e para lá não voltam sem antes molhar a terra, tornando-a fecunda e fazendo-a germinar, a fim de produzir semente para o semeador e alimento para quem precisa comer, assim acontece com a minha palavra que sai de minha boca: ela não volta para mim sem efeito, sem ter realizado o que eu quero e sem ter cumprido com sucesso a missão para a qual eu a mandei. (Is 55, 10-11).

A Palavra de Deus não apenas se fez ouvir, mas habitou, ou seja, tornou-se presença entre nós, Palavra visível e não apenas audível. Como diz a música, “[...] tão perto de mim, tão perto, que até o posso tocar, Jesus está aqui.”⁵ Em toda a História da Salvação, a Palavra é elemento primordial, assim como para o desenvolvimento da história. Deus, de muitos meios e modos, vem falando aos homens, dando-lhes a oportunidade de optar pelo melhor caminho e apontando Seu Filho, Jesus, como o caminho, a verdade e a vida. É a Este a quem sobe todos os nossos louvores e preces através do rito. Portanto, Palavra e Rito se completam no ato litúrgico; o que a palavra não consegue exprimir o rito manifesta através da ação vivida. Podemos citar como exemplo a realização dos sacramentos: a água utilizada para banhar no batismo; o bispo que impõe as mãos na Confirmação, na penitência, na Eucaristia, na Ordem; a unção com o óleo santo na Confirmação e na Unção dos Enfermos; a refeição na Eucaristia, entre outros. Todas essas são maneiras diferentes de colocar, em prática, a palavra que se torna eficaz a partir do rito.

⁵ CD SÓ PRA VOCÊ (Monsenhor Jonas Abib, Faixa: 2, Ano: 2006)

Ainda podemos citar como exemplo a própria vida de Jesus Cristo, como um ato litúrgico contínuo, pois soube escutar a voz daqu'Ele que O tinha enviado e colocar, em prática, a Sua vontade. Por essa razão, o que foi falado também foi vivenciado.

Tudo isso mostra que o rito acompanha a Palavra, assim como a Palavra dá plenitude ao rito. Mais alguns exemplos nos são favoráveis, principalmente no que se refere à celebração Eucarística: A procissão da Palavra, acompanhada de velas, incenso e dança e as palavras proferidas pelo sacerdote no momento de apresentação do pão consagrado: “Eis o Cordeiro de Deus [...]” (Jo 1,29). Assim, torna-se mais evidente o sinal ou a ação litúrgica.

A Liturgia é Celebração, e Celebração quer dizer ação, ou seja, união da Palavra e do rito. A Palavra sem o rito torna-se algo vazio, e o rito sem Palavra é algo quase que impossível de ser pensado. Por isso, a Celebração recorre a esses dois elementos essenciais, fazendo com que o homem tenha sua experiência com o Sagrado. Na Constituição sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrosactum Concilium*, em seus números 24 e 51, encontramos uma síntese da importância que tem a Palavra de Deus na Celebração Litúrgica.

2.1.2 A Palavra de Deus na vida da Igreja

A Igreja, como anunciadora autêntica da Boa Nova, em seus ministros, servidores do Senhor, é ponte que liga a terra ao céu; sua responsabilidade é transmitir a seus fiéis a profissão de fé, assim como São João, em sua primeira carta.

Esse dom é imprescindível à Igreja, que anuncia a alegria do encontro com Cristo, Palavra de Deus, presente no meio de nós: “Pois, onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou aí no meio deles.” (Mt 18, 20). Atualmente, ouvir a voz daquele que clama no deserto: “[...] preparem o caminho do Senhor, endireitem suas estradas” (Lc 3,4) torna-se tarefa difícil, pois o supérfluo ocupa o lugar central na vida do homem, o qual prioriza o passageiro, as coisas que passam; esquece-se que “só Deus basta” e que, não aspirar as coisas do alto, é interromper o acesso a este Deus que comunica constantemente seu amor, através do Filho que “nos deu vida em plenitude, em abundância.” (Jo 10,10).

O contínuo amor pela escuta da Palavra de Deus é algo que deve ser regado a cada dia. Cristo, por meio de suas palavras e obras, manifesta-se quando, como Igreja, templo da Palavra, escutamo-lo e o acolhemos de forma recíproca. Podemos destacar a figura do apóstolo São Paulo, que tinha grande afeição à Palavra de Deus, a ponto de afirmar: “Faço tudo por causa do Evangelho” (1 Cor 9,23); “pois eu não me envergonho do Evangelho, o

qual é poder de Deus para a salvação de todo o crente.” (Rm 1,16). Recordar o magnífico exemplo dos grandes homens é, também, tomar consciência do importante papel (missão) que todos deveriam assumir: tornar a Palavra de Deus alicerce de nossas vidas.

Pode-se ainda lembrar dos padres da Igreja, que fizeram ecoar, com todo vigor, a Palavra de Deus, sendo autênticos depósitos da fé, transmissores fiéis dos ensinamentos do Mestre. Inseridos vitalmente na tradição apostólica, com humildade e excelência, eram capazes de transmitir o Evangelho, penetrando nas coisas celestes. Por tal razão, eles foram, para o desenvolvimento da Igreja, aquilo que os apóstolos foram no início (plantaram, regaram, edificaram e nutriram a santa Igreja).

Não é diferente a missão cabida a cada um atualmente. É necessário coragem, para que a Palavra transmitida e acolhida seja difundida. Contudo, é necessária também uma adaptação da mensagem evangélica à mentalidade contemporânea (homem hodierno), a fim de que esse homem não veja a Palavra de Deus como algo ultrapassado, mas como uma Palavra sempre viva e atual, capaz de transformar a vida de quem a escuta e a coloca em prática.

A fé cristã é movida e sustentada por este Verbo que, desde o princípio, está junto de Deus, fez-se carne e veio habitar entre nós (Cf Jo 1,14). Inspirados no testemunho dos santos, deixemo-nos ser guiados pelo Santo Espírito de Deus, para amarmos com mais intensidade a Palavra de Dele.

Em todos os tempos, a Palavra de Deus está acessível aos povos de diferentes raças, línguas e culturas, procurando realizar o encontro do humano com o divino. O que se torna perceptível é que, mesmo com as diversas oportunidades que o indivíduo tem de entrar na intimidade de Deus, através de sua Palavra encarnada, a ela é dada pouca importância. A Igreja, por meio de seus ministros ordenados, vem buscando fazer com que a criatura redescubra a alegria de crer e busque, em Cristo – Palavra eterna do Pai – forças suficientes para sua caminhada como Igreja militante, que caminha rumo à pátria definitiva, o céu. Isso ocorre através dos diversos momentos celebrativos: Santa Missa, Celebração da Palavra de Deus, círculos bíblicos, catequeses em preparação para os sacramentos, ciclos de palestras, congressos, visita às famílias etc.

O amor pelas Sagradas Escrituras é o amor a Deus, que fala através dos acontecimentos históricos de um povo que, mesmo em meio à lida, sabe ouvir aqueles que foram enviados para libertar e salvar. Valorizar as Sagradas Escrituras é tomar consciência da importância de zelar, com carinho, o rico depósito de nossa fé, concedido como herança, para que o homem viva plenamente e, um dia, chegue a alcançar os méritos da salvação.

O estudo aprofundado das ciências vem ocupando o centro da vida humana, ou seja, a ciência de Jesus Cristo é deixada de lado. E, quando dela nada conhecem, os de Cristo, nada sabemos. Assim, já nos diz a *Dei Verbum*, em seu nº 25: “Desconhecimento das Escrituras é desconhecimento de Cristo”. Além disso, o indivíduo necessita reconhecer que as Sagradas Escrituras têm o poder de fazer viver retamente todos aqueles que a essa palavra, inspirada por Deus, aderem, pois [...] “toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para instruir, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, qualificado para toda boa obra.” (2 Tm 3,16-17).

Acolher a Palavra que nos é proclamada é acolher o próprio Cristo, pois nossa fé não é a fé em um aglomerado de livros, mas numa pessoa, Jesus, Palavra de Deus feito carne, homem e história. Além de acolher, é preciso guardar, anunciar e interpretar, missão confiada à Igreja, casa na qual habita a Palavra. E, para ser o guardião dessa Igreja, templo e habitação de Deus, Pedro foi o escolhido, homem que reconhece Jesus como o Mestre. É a ele que o Senhor confia o pastoreio do rebanho, com a missão de ser construtor de uma Igreja templo vivo, coração humano:

Simão Pedro respondeu: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo! Jesus então lhe disse: Feliz és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que te revelou isto, mas meu Pai que está nos céus. E eu te declaro: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus [...] (Mt 16, 16-19).

Hoje, continua a sucessão apostólica, agora inserida em outra realidade, em outra época histórica, com acontecimentos diversificados. O forte é a carência de Deus na vida das pessoas que se deixam revestir do homem velho e se esquecem de vestir-se das vestes do cordeiro. Por isso, vê-se a necessidade de ir ao encontro do outro e fazer com que ele tome responsabilidades para com seus compromissos batismais e busque, constantemente, o arrependimento e a conversão pessoal, pois, a cada dia que passa, o Reino de Deus mais próximo está de cada um de nós. Corremos o risco de termos Jesus conosco e não o reconhecermos, assim como os discípulos de Emaús, que só o reconheceram ao partir o pão.

Então Jesus entrou para ficar com eles. Sentou-se à mesa com os dois, tomou o pão e abençoou, depois o partiu e deu a eles. Nisso os olhos dos discípulos se abriram, e eles reconheceram Jesus [...]” (Lc 24,29b-30).

3 A LITURGIA DA PALAVRA NA CELEBRAÇÃO DA MISSA

Todos os cristãos católicos sabem, ou devem saber, que a Missa é momento importantíssimo para a vida da Igreja e de todos os cristãos, pois é nela que Cristo se faz presente e se doa como alimento para todos os fiéis. Nesse momento, podemos perceber a razão e a grande importância da missa. Nos dias de hoje, muitos irmãos e irmãs católicos ainda não sabem o verdadeiro significado e o valor de uma Santa Missa. Alguns vão apenas por um sentido de obrigação ou convenção social, talvez imposta pelos pais na infância; grande parte deles acabam abandonando a Igreja, por acharem uma coisa repetitiva, desconhecendo o verdadeiro conteúdo de uma Celebração Eucarística.

Evangelizar também é ensinar o verdadeiro sentido dos sacramentos da Igreja e, portanto, aprenda você também a mostrar o sentido da Santa Missa a seus parentes, familiares, amigos e vizinhos. Eduque seus filhos na fé! Fale de Deus com todos! Não tenha medo nem vergonha! Entenda que Deus realmente está presente na missa e fala diretamente conosco. É preciso tornar-se criança, no sentido de inocência e humildade, para participar bem e aproveitar todas as bênçãos que provêm dos céus durante a missa. Ao entrar na igreja, deixe de lado seus problemas e preocupações com o mundo e se entregue totalmente nas mãos de Nosso Senhor.

Vemos que a descrição do Missal Romano nos relata a importância que a Santa Missa tem para a vida da Igreja, e como deve ser celebrada. A cada momento, podemos perceber que a Liturgia vem nos trazendo muitas riquezas e que só Jesus Cristo tem essa capacidade de guiar seu povo para tal maravilha.

3.1 Elementos e Ritos da Liturgia da Palavra

A celebração litúrgica baseia-se, em princípio, em dois elementos: a palavra e o rito, o dizer e o fazer. Todo o nosso mundo interior, que é o pensar, o querer e o sentir, só pode exprimir-se, dizer-se, fora de nós e ser transmitido aos outros pela palavra e pelos sinais. No entanto, se bem refletirmos, a palavra já é um sinal, e o sinal também, de certo modo, é palavra; ambos dizem, ambos significam o que está dentro de nós e o que nós queremos exprimir para transmitirmos aos outros. Esses dois elementos, tão humanos, são também os elementos fundamentais de toda a celebração litúrgica, enquanto ela é uma ação. A liturgia é, de fato, as celebrações, as ações litúrgicas. O mistério que a liturgia celebra exprime-se

necessariamente nessa linguagem humana da palavra e do sinal, do rito, em continuidade, aliás, com o próprio mistério da encarnação do Verbo de Deus.

A palavra é a expressão vocal que damos a nosso pensamento. Antes de ser voz na boca, a palavra já existia no pensamento. Verbalizando a palavra, manifestamos, aos outros, o que temos no pensamento. A palavra é, de fato, o primeiro processo, processo maravilhoso, de nos exprimirmos. Mas sua expressão dirige-se mais diretamente à inteligência; procura, primariamente, comunicar ao outro o nosso pensamento. Apenas precisa da língua de quem fala e do ouvido de quem escuta. Apesar de maravilhosa, a palavra, por si só, é um meio um tanto rígido, às vezes até cansativo.

Quando muito, para a tornarmos mais expressiva, lançamos mão de certos recursos que vão enriquecer a palavra e dar-lhe um revestimento que a torne mais perceptível, como, por exemplo, o gesto e, sobretudo, a música. O canto amplia a palavra e faz desabrochar, em música, toda a riqueza sonora que já, nela, estava contida. Diríamos até que a palavra tende espontaneamente a tomar corpo, a tornar-se visível, a encarnar. E foi assim que o Filho de Deus, Aquele que em Deus é a expressão de seu pensamento e que S. João, à maneira dos Gregos, chamou, por isso mesmo, a Palavra, o Verbo, o Logos, foi assim que "[...] o Verbo Se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1,14). Não bastava, para nós, que Ele fosse Palavra; convinha que a Palavra Se fizesse carne, Se tornasse sinal que não falasse apenas à inteligência dos homens, mas que lhes entrasse pelos olhos, se tornasse Palavra visível e não apenas audível, e capaz de ser tocada pelas mãos humanas, como diz São João, falando, precisamente, do Verbo encarnado: "O que as nossas mãos tocaram" (I Jo 1,1). A palavra é elemento fundamental de toda a liturgia, como o foi em toda a história da salvação: "Muitas vezes e de muitos modos Deus falou [...]" (Hb 1,1). Por nossa própria experiência litúrgica, sabemos muito bem o lugar excepcional que a palavra ocupa na celebração.

A palavra rito pode ter vários sentidos, mesmo em liturgia. Aqui, vamos usá-la principalmente no sentido de sinal, de ação sagrada, como, por exemplo, o banho de água no Batismo, a imposição das mãos na Confirmação, na Penitência, na Eucaristia, na Ordem, a unção com o Óleo santo na Confirmação e na Unção dos Doentes, a refeição na Eucaristia etc. É rito; mas poderia chamar-se simplesmente de sinal, ou até símbolo. O que, nesse momento, pretendemos é, simplesmente, confrontar, por em paralelo, a palavra e o rito em liturgia, a palavra que se diz e o rito que se faz.

A palavra, como vimos, já é, em certo sentido, um sinal. Mas o rito, o sinal-ação, pertence a outra ordem, diferente da palavra. Enquanto a palavra fala sobretudo à inteligência e comunica uma noção, uma ideia, o sinal dirige-se principalmente à sensibilidade e desperta

o afeto; a palavra faz nascer, no outro, um pensamento; o sinal gera nele um sentimento, toca na afetividade, diríamos mesmo que fala ao coração. Coração não exclui aqui, de maneira nenhuma, a inteligência, o pensamento, o equilíbrio mental, mas dilata esse pensamento, abre o interior do homem ao que está para além do âmbito do pensar; leva-o a querer e o conduz a amar. O sinal diz mais do que a simples palavra, diz aquilo que a palavra não conseguiu exprimir. Faz compreender não apenas com a inteligência, mas com o homem todo. Palavra e rito: duas maneiras de o homem se demonstrar e de se comunicar que se completam, que se prolongam uma na outra, que fazem caminhar desde o dizer ao fazer, desde o pensar ao sentir, desde o possuir na inteligência até o comungar com o coração.

Palavra e rito, dois elementos que é preciso unir, na unidade de uma só e mesma ação celebrativa. Não vale perguntar qual dos dois é mais importante. São ambos importantes, ou melhor, os dois não fazem senão uma unidade, certamente toda ela bem importante. No passado recente, assistimos, no caso da Missa, a uma dissociação tal entre a liturgia da palavra e a liturgia eucarística, que se chegou a considerar "Missa inteira", como reza o preceito da Igreja, apenas a liturgia eucarística, colocando-se para um lugar absolutamente secundário a da palavra. É por isso que o Concílio, ao falar da liturgia da Missa, insiste que "[...] as duas partes de que, por assim dizer, a Missa se compõe, ou seja a liturgia da palavra e a liturgia eucarística, se articulam uma com a outra tão estreitamente que fazem um só ato de culto" (SC 56), afirmação que o Missal retoma em sua Instrução Geral, ao dizer: "A Missa consta, por assim dizer, de duas partes: a liturgia da palavra e a liturgia eucarística" (IGMR, n. 8). Aquele "por assim dizer" quer, por um lado, sublinhar a importância de cada um dos dois elementos, e, por outro, impedir que se volte a separá-los ou até a contrapô-los, como já anteriormente havia sucedido.

Temos falado de liturgia da palavra e de liturgia do rito como de duas realidades, cada uma delas completas em si mesmas. Mas devemos observar que a liturgia da palavra também se faz usando certos ritos, ritos menores, sem dúvida; e que a liturgia dos diversos ritos também não se celebra sem recorrer à palavra.

Na liturgia da palavra, os pequenos ritos servem para por em relevo a palavra, como quando o livro das leituras é transportado solenemente logo na procissão da entrada ou quando o leitor se encaminha com ele para o ambão, para fazer a leitura no meio de luzes e acompanhado por incenso; de certo modo, os ritos são também normalmente acompanhados por uma palavra que lhes dá o sentido próprio e lhes tira todo o equívoco que poderiam causar sem essa palavra, palavra que, em certas circunstâncias, como no caso dos sacramentos, chega a ser essencial para que o rito seja completamente válido. Observemos aquele gesto de

apresentar o pão sagrado aos comungantes antes da comunhão, gesto já em si bem expressivo, mas que adquire uma clareza total, porque é acompanhado da palavra que sublinha e completa o sentido do gesto: "Eis o Cordeiro de Deus [...]" (Jo 1,29).

Poder-se-ia apresentar simplesmente o pão consagrado, como se faz, por exemplo, no momento da elevação ou da bênção com o Santíssimo Sacramento; mas aquela palavra torna mais claro o sinal: "Eis o Cordeiro de Deus" (Jo 1,29). Se os elementos fundamentais da liturgia são a palavra e o rito, não pode haver dúvida de que a reta compreensão de um e de outro, de sua articulação mútua e de sua celebração verdadeira, constitui momentos privilegiados para a educação da fé de quem participar em sua celebração.

3.1.1 As Leituras Bíblicas

As leituras bíblicas são o que compõe a liturgia da palavra, liturgia essa que tem a sua importância, pois é através dela que Deus se comunica com o seu povo, por meio de palavras. São palavras, escritos sagrados que a Igreja, no decorrer de sua história, vive com veneração e respeito, como nos diz a Dei Verbum.

O Lecionário Romano nos apresenta, de forma bastante clara, como as leituras devem ser apresentadas na Liturgia da Palavra. Toda importância é dada à Palavra de Deus, pois é através dela que sabemos a vontade do Criador – (Mq 6,8), (Jo 3, 14-17), (Fl 4,7) todas essas passagens mostram o quanto Deus quer se revelar para o homem e que ele trilhe os Seus caminhos.

Não é permitido que na celebração da missa as leituras bíblicas, juntamente com o cânticos tirados da Sagrada Escrituras, sejam suprimidas, nem abreviadas nem, coisa ainda mais grave, substituídas por outras leituras não bíblicas. E por meio da própria palavra de Deus, transmitida por escritos, que “Deus continua falando a seu povo”, e mediante o uso por meio da luz da fé e assim pode dar ao mundo, com sua vida e seus costumes, o testemunho de Cristo. A leitura do Evangelho constitui o ponto alto da liturgia da palavra, para o qual a assembleia se prepara para com as outras leituras, na ordem indicada, isto é, a partir do Antigo Testamento até chegar ao Novo.⁶

⁶ Lecionário Santoral n. 12-13

Dessa forma, percebemos que a fonte da liturgia da Palavra é realmente a palavra de Deus, retirada da Sagrada Escritura, a qual, de maneira alguma, poderá ser substituída por qualquer outra leitura que não seja bíblica. A importância dada à Santa Palavra de Deus está na fé em que ela consiste, que é através dela que Deus se comunicou no passado e se comunica no presente com todo o povo que Ele criou. É tão importante que as orientações pedem para que as leituras sejam proclamadas do ambão. Há todo um rito para com a Palavra de Deus, com grande respeito e veneração pelo evangelho, ainda que para isso se tenha uma apresentação mais destacável das outras leituras, pois é nela que Jesus Cristo fala para todo o povo de Deus, através do anúncio da boa nova. Com todo o rito e veneração respeitados, a Liturgia da Palavra é anunciada para todos os fiéis com a mais nítida clareza e, assim, poderá ser mais facilmente compreendida. É uma Palavra dinâmica, criadora, renovadora, que faz acontecer algo novo; ela realiza em nós a páscoa, a passagem da morte à vida, do egoísmo à partilha, do ódio ao perdão, da acomodação ao compromisso.

Ela aponta e faz acontecer o Reino de Deus no meio de nós, a comunhão universal, o mundo que há de vir. Isso requer, de nossa parte, uma atitude de fé, de acolhida, de profunda escuta; requer a disposição para entrar em diálogo e comunhão com o Deus da Aliança. Podemos entender melhor as leituras proclamadas no momento da homilia, quando o pregador falará com uma maior clareza sobre o que Cristo, o enviado de Deus, quer nos dizer naquele momento, juntamente com o seu Pai, o Criador de todas as coisas.

3.1.2 O Salmo Responsorial

O Salmo Responsorial é um rito que faz parte da liturgia da palavra, feito logo após a primeira leitura. O salmista, diante da mesa da palavra, conhecida como ambão, profere os versículos do Salmo, enquanto todos os fiéis escutam na nave da igreja e participam, muitas vezes, na parte do refrão. Preferencialmente, o salmo deve ser cantado, principalmente nas solenidades e aos domingos. Nos dias comuns, se possível, deve-se cantar pelo menos o refrão, para que os fiéis participem cantando. Como a própria palavra salmo é traduzida por “melodia” e, em outras traduções, por “poema”, trata-se, portanto, de letras para serem cantadas através do canto das nossas liturgias. Deve-se preparar, com carinho, o salmo responsorial, colocando em vista a participação da assembleia pelo menos no refrão, bem elaborado. É importante lembrar que a boa liturgia é aquela que tem a participação de toda a assembleia, principalmente através da música, que é parte integrante da liturgia.

Dando continuidade à discussão sobre o Salmo Responsorial, que faz parte da estrutura da santa missa, é pertinente comentar um pouco sobre o adjetivo Responsorial, derivado da palavra responsório – estas, por sua vez, ligada à palavra resposta. Esta suposta “resposta” não é a resposta à leitura bíblica que antecede ao Salmo Responsorial, mas sim o refrão. A maioria dos fiéis sabe que o Salmo Responsorial possui um refrão que, geralmente, é cantado ou recitado pela assembleia. Os salmos, em sua versão original, não trazem refrão; porém, na Liturgia, um refrão é colocado, selecionado entre os versículos do próprio salmo; ele serve para marcar, por assim dizer, a índole e o espírito daquele salmo particular. É pertinente também observar de que forma o Salmo Responsorial se encacha e de que maneira ele foi introduzido na liturgia da palavra.

Dessa maneira, vimos como o salmo tem sua importância na liturgia da Santa Missa.

3.1.3 A Homilia (As Práticas, uma Visão Educacional)

Para se falar sobre “Homilia”, devemos, primeiramente, saber um pouco sobre comunicação no Rito Litúrgico. Se entendermos que a pessoa humana é um ser de relação, logo, podemos afirmar que ele também é um ser de comunicação. A comunicação é de tal maneira intrínseca ao ser humano que, mesmo que deseje, não é capaz de ficar sem se comunicar. A comunicação humana expressa, portanto, a riqueza e a singularidade do homem e da mulher, criados à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26), que, Uno e Trino, vive a comunhão plena, fruto da comunicação perfeita que se dá entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, comunidade de amor.

Ciente dessa verdade, a Igreja sempre se preocupou para que, pela comunicação, Deus se desse a conhecer a nós, seus filhos e filhas, e, ao mesmo tempo, para que nos tornássemos íntimos Dele. Toda a obra evangelizadora da Igreja faz-se nessa direção. Ela é, essencialmente, comunicação do amor de Deus a toda a humanidade, ao mesmo tempo em que apresenta ao, Criador, os anseios, carências, sonhos e conquistas do ser Homem.

A palavra oral, acompanhada pela expressão corporal, ocupa lugar de destaque em toda celebração litúrgica da Igreja, conseqüentemente, também na homilia. Quando falamos, estabelecemos contatos e, conseqüentemente, fazemos acontecer a comunicação. O cuidado com a fala deve transcorrer cada celebração em sua totalidade, a contar dos inícios até o rito final, incorporando, portanto, os cantos, orações e comentários. Todavia, a homilia destaca-se nesse conjunto por ser a ocasião em que a palavra humana fica mais em evidência, porque é a

tradutora da Palavra Divina. A palavra humana se faz ministra da comunicação de Deus aos ouvidos de seu povo. Tanto aquele que faz a homilia como a assembleia que a ouve devem ter consciência de seu significado e importância, a fim de que, presenciados pelo Espírito, sintam seus efeitos na própria vida.

Agora, mesmo já conhecendo a palavra “homilia”, muitas vezes, seu significado é algo que nem todos conhecem. A palavra “homilia” é um termo que vem do grego e significa “conversa familiar”. Não é uma aula nem uma palestra ou discurso, mas uma conversa familiar, e os ministros da palavra devem procurar ter mais zelo por ela, no momento de proferi-la.

Daí a necessidade de se encontrar o tom adequado de quem conversa de igual para igual, como irmãos e irmãs entre si, humildemente, buscando juntos uma Palavra do Senhor. A homilia ser antes de tudo para encorajar, animar, exortar, consolar (At 13, 14-42) e não tanto para ensinar ou dar lições de moral.⁷

Temos de entender que a homilia não se faz de qualquer jeito. Ela é o elo de ligação entre Deus e o Homem – através de palavras que toquem o coração de todos que ouvem e que podem tirar dessa palavra algo de bom para sua caminhada e experiência de vida –, o lecionário tem algumas orientações que devem ser levadas em conta, já que a homilia é uma construção de regras e detalhes às quais se deve atentar antes de se começar a exercê-la.

Desta forma, a homilia deve ter como, referência central, o mistério maior da fé cristã, que é a Páscoa de Cristo, por meio da qual fomos libertados. Ela deve conduzir os que têm fé à convicção de que, na Páscoa de Cristo, também se dá nossa Páscoa. Deve, portanto, alimentar em, todos, a certeza da libertação integral da pessoa humana, que vem do sacrifício redentor de Jesus. Mas o mistério pascal não se restringe à morte e ressurreição de Jesus. Ele se consoma nos cristãos, nos membros de Cristo. Essa compreensão da Páscoa adquire profundo significado no despertar da dimensão transformadora da vida cristã. Vendo dessa maneira, vamos compreendendo que a Palavra de Deus se estende também ao momento da homilia. O próprio Libano comenta sobre o assunto:

A homilia é o prolongamento da palavra da Escritura para dentro do momento de hoje e para a comunidade presente em ressonância com o tempo litúrgico e em conexão com a celebração litúrgica com tonalidade espiritual, orante, e não doutrinal ou moralizante. O termo grego *homilia* reflete uma experiência humana de estar em

⁷ BUYST, 2004, p. 12

companhia, de ajuntar-se a, de conversar, de ter e estar num relacionamento profundo, de frequentar as pessoas. A transposição desse termo para dentro da celebração indica o espírito da homilia, que deve criar entre o pregador e a assembleia um relacionamento de proximidade, de companhia, de presença, e não de distância nem de erudição magisterial. Está inserida na ação litúrgica, cercada de oração de contemplação, de mistério, de clima de fé. Essa aura deve envolvê-la.⁸

A homilia, no passado, era feita da seguinte forma: o bispo sempre pregava sentado, e o povo fica em pé. É o símbolo do mestre ensinando a seus discípulos. O que ensina fica sentado e os que aprendem, de pé. Isso valia, também, em muitos lugares, para os sacerdotes, quando realizavam suas pregações. A posição da pregação em nossa atualidade variou muito. Hoje, existem bancos ou cadeiras nas comunidades. Cuidar da postura e da aparência é sinal de que o homiliasta conhece o poder de comunicação do corpo. A sobriedade das vestes litúrgicas, o jeito de caminhar, de sorrir, de olhar, o tom da voz, os gestos, tudo conta a favor ou contra quem preside a celebração. O homiliasta deve tomar todo cuidado com um dos principais instrumentos de sua comunicação: a fala. Esta é o canal pelo qual passa a mensagem que a assembleia vai ouvir. Por isso, ele deve ficar atento, em primeiro lugar, à linguagem que vai usar. Nesse caso, quanto mais conhecer sua assembleia, tanto mais adotará a linguagem adequada. Além da linguagem, o pregador não pode descuidar da voz e de tudo que a envolve: respiração, timbre, entonação, velocidade, dicção. Não se leem os textos bíblicos como um livro de História que nos relata o que aconteceu no passado e nos deixa totalmente indiferentes. A Bíblia é totalmente diferente. Os acontecimentos históricos passados, relatados por ela, têm um significado presente e interpelante para quem a lê e ouve. Sendo Palavra de Deus, encerra um sentido maior, que vale para todos os tempos, embora reinterpretados na nova conjuntura. A homilia é uma ajuda para os fiéis fazerem uma releitura da Bíblia para sua vida cotidiana; deve ser breve, bem preparada, inserida no contexto vivido pela comunidade e feita em linguagem simples, que explicita o mistério que se celebra. Muitas vezes, o prolongamento da homilia é fruto da falta dessa preparação.

Na homilia, deve-se levar em consideração o conjunto de toda a celebração, de tal forma que, em seus ritos, o homiliasta vá colocando elementos da pregação que se seguirá ao evangelho. A Homilia não é aula de Religião, Teologia Sistemática ou Moral, Exegese, Formação Litúrgica, Pedagogia, Psicologia, Política ou Psicanálise; ela deve possuir, em toda a sua essência, um caráter memorial, pascal, narrativo, orante, trinitário, profético e

⁸ LIBÂNIO, 2006, p. 26

celebrativo. Segundo Buyst (2001), ela tem suas raízes na tradição da sinagoga do povo judeu, no tempo de Jesus e das primeiras comunidades cristãs:

Aos sábados, de manhã, havia nas sinagogas um ofício de leituras. Primeiro lia-se um trecho da Torá [...]. Era a leitura mais importante. [...] Depois se ouviam as leituras dos profetas e dos escritos com seus comentários, e também o salmo; tudo escolhido em ligação com a leitura da Torá. A homilia retoma sempre cada uma das leituras, explicando uma a partir da outra e ligando-as com a realidade do momento.⁹

A homilia abarca sempre três dimensões: ela evoca o passado, indica o presente, ou torna presente os fatos comemorados, e prefigura o futuro. Assim como os sinais litúrgicos, ela é comemorativa do passado, demonstrativa do presente e prognóstica ou profética do futuro. Como exigência desses aspectos e extensão do futuro, nasce uma quarta dimensão: a empenhativa – o compromisso de se viver conforme o que se celebrou. Dessa forma, as dimensões da homilia abarcam todo o tempo.

A homilia narra o plano de Deus e suas maravilhas realizadas no passado até o momento atual. A palavra de Deus proclamada é atualizada no presente. Tudo será colocado numa perspectiva escatológica. A ação litúrgica, da qual a homilia faz parte, ajudará os ouvintes da Palavra a viverem de acordo com o que celebraram. As características da homilia nos ajudam a entender que ela (a homilia) faz parte de todo o processo litúrgico; dessa forma, não é um ato isolado, mas conectado com toda a ação litúrgica. Portanto, as características da homilia estão intrinsecamente ligadas às da missa e vice-versa.

⁹ BUYST, 2004, p. 32

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Palavra de Deus é o alento na vida de todos os que por ela se deixam transformar, especialmente dos católicos; não só deles, mas toda a comunidade dos crentes que precisam da Palavra de Deus em suas vidas. Por isso, através dessa reflexão, podemos perceber que a Palavra deve ser transmitida com força e com vontade, para que possa penetrar na vida de quem a escuta e transformá-la em frutos e missão, continuando a propagação da Boa-Nova que Jesus veio ao mundo anunciar.

É fato que a Eucaristia é Cristo todo, que se doa como alimento à humanidade, da mesma forma que é alimento através da Palavra, alimento que nutre e revigora a vida dos que dele experimentam. A experiência com o Ressuscitado acontece na história individual de cada um que, em suas limitações, sofre; e, se não usamos a Palavra de Deus como elo de salvação na vida deles, de nada adiantou viver. As celebrações realizadas em diversas comunidades do mundo tem o caráter próprio de ser meio de anúncio e testemunho dessa Salvação. Por essa razão, a missa é um ato de memória do sacrifício de Cristo pelos seus, momento no qual se contempla a paixão, morte e ressurreição Dele. Jesus é a Salvação, e, para obtê-la, não há outro caminho; a Palavra que se fez pão para a Salvação do mundo é Jesus, a Palavra encarnada de Deus.

Com as afirmações que giram em torno deste trabalho, são perceptíveis aspectos divinos e humanos da Palavra de Deus que se encontram na liturgia, principalmente nas celebrações. Os fiéis se sentem bem quando ouvem essa Palavra, mormente quando é bem anunciada, podendo fazer com que todos que participam voltem cheios de paz e repletos do sentimento de felicidade que Deus transmite por meio de Seus ensinamentos. Vivemos uma realidade alarmante em relação à atual situação em que se encontram a religião, o social, a economia e a política de nosso país. O aumento das desigualdades angustia e distancia ricos e pobres, gerando segregação social, numa constante prática de injustiça, exclusão, exploração e descaso para com as necessidades dos pobres e marginalizados.

Nossa sociedade está contaminada pelo consumismo desenfreado, que busca o lucro e a vantagem acima de tudo e de todos. A exploração dos bens naturais, sem qualquer preocupação com o futuro, tem colaborado e distorcido a criação de Deus, comprometendo a vida humana e a natureza. Enquanto isso, a política é marcada pela corrupção, pela lavagem de dinheiro e pelo descaso para com a população.

Os meios de comunicações têm sido uma arma forte e têm influenciando a propagar o sistema globalizado em que vivemos, com uma ideologia imediatista que forma a consciência

do homem de que tudo deve ser no seu tempo, no agora. Todos esses fatores formam o pensamento de que não importam os meios, e sim os fins, ou seja, a forte concorrência social, nos seus vários elementos, leva as pessoas a agirem sem se preocuparem umas com as outras, e vivem sem controle e sem perspectivas.

Vivemos, hoje, por conta dessas influências, numa sociedade insensível, que não possui tempo para nada. Os objetos são mais importantes que os seres humanos, e há descaso com as questões sociais, o bem comum. Os relacionamentos são descartáveis; as palavras amor, amizade, fraternidade e comunhão estão em desuso, em extinção na sociedade globalizada. É diante desse desafio que se encontra a igreja de Cristo. E é essa Igreja que tem a missão de anunciar a Palavra de Deus, no meio dessas desordens. O anúncio dessa Palavra e a maneira como ela deve ser anunciada podem resgatar valores já perdidos no tempo.

Não podemos ficar fechados em nós mesmos; devemos nos qualificar, para poder dar um rosto novo à Igreja de Cristo, sempre tendo como pano de fundo a PALAVRA DE DEUS. É Ela que é a energia transformadora de uma humanidade que se encontra prestes a se perder. A Igreja precisa estar atenta para a realidade. Não podemos pensar que viver o Evangelho é somente ter um rito litúrgico próprio, cantar bem, ter animação nas Celebrações e, no entanto, fechar os olhos e não procurar fazer nada. De nada isso serve quando não se tem compromisso eficaz com a Santa Palavra de Deus. As pregações devem nortear por completo a vida dos fiéis e da Igreja; devem ter uma base sólida, pois, só assim, conseguirão produzir bons frutos na vida da comunidade cristã. Porém, como cristãos, somos chamados a permitir que a Bíblia, Palavra de Deus, revele-nos as doutrinas certas, moldando nossa visão, a forma como vemos e interpretamos a realidade.

É oportuno dizer que todos os aspectos levantados neste trabalho são como que sinais de alerta para a Igreja, para os crentes e os descrentes, um chamado ao discernimento entre o erro e a verdade, o bem e o mal. Não é possível vencer as distorções existentes fugindo delas. Os dirigentes das Igrejas (Sacerdotes) devem ter ciência da grande responsabilidade que têm em repassar os ensinamentos, valorizando a Liturgia da Palavra em seus sermões e realizando-os dentro de um contexto bíblico sadio.

Porém, é importante destacar que, como Igreja de Cristo, precisamos mudar nossas práticas e viver o testemunho de Jesus Cristo. Paulo nos faz um convite corajoso: “Sede meus imitadores como eu sou de Cristo.” (1Co 11,1). Por isso, vimos, mediante essas palavras de Paulo, concluir este trabalho, mostrando que é possível melhorar o anúncio da Palavra de Deus, principalmente, em nossas Celebrações Litúrgicas; e que nossos pastores podem se dedicar mais nesse anúncio, que vem trazer, a todos, a presença viva de Cristo.

REFERÊNCIAS

ABIB, Monsenhor Jonas. Tão perto de mim. Intérprete: Monsenhor Jonas Abib. *In: _____*. **Só Pra Você**. Canção Nova, 2006. 1 CD. Faixa 2.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1990.

BUYST, Ione. **A Palavra de Deus na Liturgia**. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

COMPÊNDIO VATICANO II. **Constituição Dogmática**: “Dei Verbum” sobre a Divina Revelação. Roma, 18 de novembro de 1965.

COMPÊNDIO VATICANO II. **Constituição Conciliar**: “Sacrosanctum Concilium” sobre a Sagrada Liturgia. Roma, 04 de dezembro de 1963.

INSTRUÇÃO GERAL DO MISSAL ROMANO E INTRODUÇÃO AO LECTIONÁRIO. Brasília: Edições CNBB, 2008.

LECTIONÁRIO SANTORAL. **Palavra do Senhor**. São Paulo: Paulus, 1997.

LIBÂNIO, Pe. João Batista. **Homilia**. Revista Vida Pastoral, São Paulo: Paulus, 2006.

MISSAL ROMANO. 2. ed. São Paulo/ Petrópolis: Paulinas/ Vozes, 1996.